

JORNAL: Diário Carioca LOCAL: Guarabara

DATA: 27/10/1962 AUTOR: Antônio Bento

TÍTULO: O Brasil na Bienal de Cordoba

ASSUNTO: "Textura de Serpa parece topografia aérea"

## Artes

ANTÔNIO BENTO

### O Brasil na Bienal de Cordoba

142  
NO CATALOGO da representação do Brasil à Bienal de Córdoba, agora inaugurada, escrevi o prefácio que se segue: Cabe notar de início que não está completa ou não pôde ser feita nesta I Bienal Americana de Arte, a seleção das diversas correntes da pintura moderna brasileira. Figuram aqui alguns nomes, cuja obra se tornou representativa das tendências mais importantes da nossa pintura, nos últimos quarenta anos.

Aliás, está sendo comemorado, no Brasil, neste 1962, o quadragésimo aniversário da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Teve então início (1922), justamente no ano que assinalou a passagem do centenário da independência nacional, a implantação da arte moderna no país. Di Cavalcanti, a quem é atribuída a iniciativa da realização daquela já agora histórica Semana, tornou-se por isso mesmo uma espécie de patriarca do nosso modernismo. Logo após sua participação na primeira mostra coletiva de pintura moderna feita no Brasil, o artista ligou-se ao cubismo, como consequência de sua visita inicial a Paris e de seus contatos com Picasso. Mas, de volta ao Rio, inclinou-se para o expressionismo, ao qual tem permanecido fiel até hoje.

A arte de Di Cavalcanti é extraordinariamente representativa do mundo carioca, das nossas mulatas sensuais ou sestrosas e do nosso samba. Pode-se mesmo dizer que ele é o melhor intérprete do "espírito carioca", sabendo, ao mesmo tempo, como nenhum outro pintor brasileiro, dar-nos uma visão dramática, dentro da linha expressionista, da vida boêmia desta cidade.

Embora profundamente ligado à tendência "nacional", que caracterizou a pintura moderna brasileira posterior à Semana de 1922, Portinari já representa outra fase desse movimento. Na Sala Especial que lhe é aqui muito justamente dedicada, além de um auto-retrato e do retrato de sua netinha Denise, que constituiu o grande enlévo de seus últimos meses de vida e lhe inspirou vários quadros, vêem-se óleos e desenhos típicos das preocupações sociais do meate brasileiro. Depois de um período de tendência realista, orientado no mesmo rumo dos mexicanos, Portinari tornou-se expressionista, estilo em que compôs muitas de suas obras capitais, como a série dos "Retirantes", os quadros da "Guerra", ou os "Trabalhadores" e "Meninos" de Brodowski, dos quais figuram trabalhos nessa mostra.

Guignard é o nosso terceiro pintor expressionista aqui presente. Tendo feito a sua educação artística na Alemanha, ligou-se ao movimento expressionista desse país. E' pena que não esteja aqui representado por alguns dos trabalhos de sua fase carioca, que tem na "Família do Fuzileiro Naval" um dos seus quadros mais notáveis. As telas do pintor aqui expostas pertencem ao seu último período de Ouro Preto, de cuja paisagem se tornou um intérprete cheio de lirismo.

Outro pintor figurativo da mostra é Milton Dacosta. O seu desenho assinala com nitidez as suas ligações com a plástica cubista. Nos últimos anos, o pintor tornou-se inteiramente abstrato. Fazia composições de tipo rigorosamente geométrico, de que estava ausente qualquer lirismo. Foi então um dos nossos mais puros pintores intelectuais. Mas, retornou agora às suas figuras néo-cubistas, nas quais une à linha geométrica uma sensibilidade refinada.

Volpi é hoje um dos mestres incontestáveis da pintura brasileira. Possui notável experiência cromática, conforme ficou demonstrado desde a sua fase das fachadas de casas, que se tornou, nos últimos dez anos, uma constante na sua obra. Teve também a sua experiência abstrata. Nas fachadas de casas de seu último período, o pintor procura um compromisso entre a arte figurativa e a abstração, tirando sempre partido de seus dons de colorista.

Vêm agora os abstratos, que es-

tão aqui representados quase totalmente pelos informais, hoje predominantes no mundo inteiro. A exceção é Maria Leontina, cujos pequenos quadros geométricos demonstram o seu empenho em tornar sensíveis as especulações plásticas dos concretos. Os outros abstratos pertencem a correntes diversas. Enquanto Yolanda Mohaly marcha no sentido do expressionismo lírico, nota-se nos demais pintores (Danilo di Prete, Serpa e Manabu Mabe) a pesquisa de texturas e de novas matérias, tão características das preocupações dos informais da atualidade.

A textura de Serpa parece curiosamente inspirada nas cartas de topografia aérea, enquanto é puramente lírica a visão de Danilo di Prete e Manabu Mabe, possivelmente os dois pintores melhor representados na mostra atual, tendo em vista a qualidade média de suas obras dos últimos anos.

Devo dizer, no remate destes comentários, que a comissão selecionadora dos trabalhos aqui reunidos teve dificuldades em fazer a escolha finalmente representada nesta Bienal. Vários pintores não puderam atender aos convites que lhes foram feitos. Por sua vez, da maioria dos expositores, solicitados no momento por outras exposições realizadas no exterior, não se logrou conseguir melhores quadros.

O fato deve ser mencionado, por uma questão de honestidade crítica e até mesmo para demonstrar que todos os pintores aqui presentes possuem incontestável categoria internacional.